

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS E
CONTABILIDADE
FEAAC
CURSO DE ECONOMIA

**O SETOR AVÍCOLA CEARENSE:
UM DIAGNÓSTICO PARA A
PRODUÇÃO DE FRANGOS DE
CORTE**

Autora: Raquel Cabral de Araújo

Orientadora: Jacqueline Franco Cavalcante

SEMESTRE: 1995.1
FORTALEZA, JUNHO / 1995

O SETOR AVÍCOLA CEARENSE: UM DIAGNÓSTICO PARA A PRODUÇÃO DE FRANGOS DE CORTE

RAQUEL CABRAL DE ARAÚJO

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Economia da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

FORTALEZA - CEARÁ, JUNHO DE 1995

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Economia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, outorgado pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Raquel Cabral de Araújo

Prof^ª Jacqueline Franco Cavalcante
(Orientadora)

Prof^ª Ana Maria de Carvalho Fontenele

Prof/Eurípedys Ewbank Rocha

Monografia aprovada em 28 de junho de 1995.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho deve-se ao meu esforço pessoal, a cooperação e ao apoio de algumas pessoas cujas observações e críticas contribuíram de maneira decisiva para a elaboração do mesmo.

Agradeço antes de tudo à Deus por me permitir chegar até esse momento de vitória e aos meus pais, Pedro e Simone pela contribuição e incentivos que sempre deram aos meus estudos.

À professora Jacqueline Franco Cavalcante, pela paciência e valiosa orientação na condução deste trabalho.

Aos professores Eurípedys e Ana Maria, pela colaboração na banca e pela maneira cordial e atenciosa com que me receberam.

Ao Dr. Maurício José Martins da Costa Rodrigues, Presidente do Conselho Técnico da ACEAV - Associação Cearense de Avicultura, pela atenção e o tempo a mim dispensados dando-me preciosas orientações e informações de maneira sucinta e objetiva.

Agradeço ao Dr. Leonildo Brunetta, Diretor Executivo da AVICOL / ACEAV, pelo fornecimento de dados que deram subsídios para a realização deste trabalho.

Aos associados e funcionários da ACEAV, pela atenção e disponibilidade para ajudar em todos os momentos e especialmente ao Sr. Carlos Matos Lima, Presidente da ACEAV, os meus sinceros agradecimentos.

Enfim, o reconhecimento a todos aqueles que de forma direta ou indireta, fizeram parte do processo de execução deste trabalho.

SUMÁRIO

• INTRODUÇÃO	6
• CAPÍTULO 1 - O SETOR AVÍCOLA BRASILEIRO: SUA INSERÇÃO NO MERCADO MUNDIAL E SUA CARACTERIZAÇÃO A NÍVEL DE REGIÕES PRODUTORAS.	9
1.1. <u>Caracterização Geral do Setor Avícola Brasileiro</u>	9
1.2. <u>Uma Análise Comparativa do Setor Avícola Segundo as Regiões Produtoras</u>	24
• CAPÍTULO 2 - A AVICULTURA NO ESTADO DO CEARÁ: UM DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO DE FRANGOS.	33
2.1. <u>Panorama Global</u>	33
2.2. <u>Análise do Setor Avícola Produtor de Frangos do Estado do Ceará</u>	40
2.3. <u>Considerações Gerais</u>	52
• CONCLUSÃO	55
• LISTA DE TABELAS	59
• LISTA DE GRÁFICOS	60
• LISTA DE QUADROS	61
• BIBLIOGRAFIA	62
• ANEXO - QUESTIONÁRIO APLICADO NAS EMPRESAS AVÍCOLAS	64

INTRODUÇÃO

A atividade avícola há séculos atrás era vista como uma forma prática e econômica do homem obter meios para a sua subsistência. Até o século XVIII era comum a criação doméstica de galinhas e foi a partir daí que surgiram as primeiras técnicas para a exploração dessa atividade. Mas, foi no século XX, o século onde a onda de desenvolvimento tecnológico se instalou, que a avicultura juntamente com as inovações que continuamente surgiram, começou a se fortalecer e a despertar interesse como uma atividade comercial e industrial.

Hoje, a avicultura é uma atividade altamente tecnicizada com empresas de médio e grande porte, instaladas com modernos equipamentos e possuidora de uma grande força na economia.

No Brasil, a avicultura começou a ter uma expressão empresarial há cerca de 40 anos e num ritmo bastante acelerado, alcançou uma tecnologia comparável aos países mais desenvolvidos.

O valor econômico atual da Indústria Avícola no Brasil é muito grande, especialmente se levar em conta que ela movimenta outras atividades industriais, como atividades de intermediação na comercialização, beneficiamento e prestação de serviços de seus produtos.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo central descrever a realidade do setor avícola cearense com relação a produção de frango de corte. Além de produzir frangos de corte o setor avícola cearense produz também ovos comerciais e pintos de um dia. As matrizes avós de um dia são importadas de Minas Gerais, essas matrizes vão ser alojadas e irão pôr ovos, da totalidade da produção de ovos, uma parte é comercializada e a outra parte será incubada para gerar pintos de um dia. Há empresas especializadas somente na produção e comercialização de pintos de um dia como existem outras que alojam os pintos de um dia para depois de um certo período serem comercializados vivos, abatidos inteiros ou em partes.

Primeiramente, é necessário identificar as características gerais do setor, ou seja, será apresentado um panorama geral do setor avícola. Nessa parte do trabalho se procurará inserir o Brasil no cenário internacional, mostrando a sua participação no que se refere a produção, consumo e exportações.

Após este detalhamento do Setor Avícola Brasileiro, observando suas características gerais, realizar-se-á uma descrição geral do setor no Estado do Ceará. Para isso, foi necessário realizar-se uma pesquisa de campo.

A pesquisa foi feita primeiramente, selecionando junto aos 67 associados da ACEAV - Associação Cearense de Avicultura, uma amostra de 13 empresas produtoras de frango de corte, os questionários foram entregues pessoalmente aos diretores das empresas numa reunião que ocorre semanalmente na Associação.

Dos 13 questionários aplicados somente 6 foram devolvidos, seja por fax ou entregues à ACEAV. Apesar de ser uma amostra pequena, foi uma valiosa fonte de dados, já que as empresas do setor são de médio e grande porte, representando assim uma significativa amostra do setor avícola no Estado. (o questionário aplicado se encontra em anexo).

O trabalho foi também complementado e enriquecido através de pessoas ligadas a esse setor que gentilmente me receberam e me apoiaram com dados, informações e acima de tudo com suas experiências pessoais.

CAPÍTULO 1 - O Setor Avícola Brasileiro: Sua Inserção no Mercado Mundial e Sua Caracterização a Nível de Regiões Produtoras.

1.1. Caracterização Geral do Setor Avícola Brasileiro

A avicultura no Brasil vem se transformando, desde a década de 60, numa atividade empresarial, caracterizada pela crescente melhoria tecnológica, evoluindo da criação em pequena escala à criação em escala industrial.

O progresso da avicultura foi lento até a segunda metade da década de 50, mas evoluiu de forma acelerada a partir de 57, quando foi iniciada a importação de matrizes norte-americanas de alta produtividade, as quais garantiam melhores índices de conversão e precocidade. Aliada a essa importação da base genética, foram feitos estudos e absorvidas as vantagens tecnológicas alcançadas pelos países desenvolvidos no sentido de adaptar essa linhagem geneticamente melhorada às condições climáticas nas áreas de manejo, sanidade e ração.

Foi durante a década de 70 que a atual indústria de frangos instalou-se no Brasil e desde então a produção revelou um significativo crescimento de cerca de 12% ao ano e apresentou os maiores índices de aumento de produção dentro do setor agropecuário (FARINA, 1994, p. 08).

A taxa média anual de crescimento da produção de carnes de aves no período de 1970-88 foi de 13,7%, enquanto que no caso das carnes bovina e suína as taxas foram, respectivamente de 1,34% e 0,02% ao ano (ZIRLIS, LINS, GIULIETTI. *et al.*, 1990, p. 148). A produção brasileira de carne de frango aumentou 9% em 1994, alcançando cerca de 3 milhões e 450 mil toneladas e registrou nos últimos 10 anos recordes consecutivos de produção, figurando hoje entre os maiores produtores mundiais, ficando atrás somente dos Estados Unidos (UBA, dezembro/1994. p. 01).

O crescimento da avicultura ao longo desses anos não ocorreu de maneira uniforme. Na época da implantação da indústria de frangos, o acelerado crescimento da produção foi resultado de investimentos realizados por empresas tradicionais na produção de carne suína e derivados que, ao diversificarem suas atividades, apontaram a avicultura como sendo uma diversificação lucrativa. Na década de 80, a primeira metade foi o único período de baixo crescimento da produção, resultado da retração do

mercado inserido num ambiente de generalizada recessão. De 1985 para cá, o ritmo de crescimento foi retomado e atingiu o nível de 10% ao ano.

As exportações recuaram na segunda metade dos anos 80 em relação ao período anterior e só retomou o crescimento nos anos 90. Em 1994, as exportações brasileiras de carne de frango cresceram 6%, com isso, o Brasil deve continuar sendo o segundo na lista dos maiores exportadores mundiais do produto, liderada pelos Estados Unidos (UBA, dezembro/1994, p. 01).

Houve no período de 1970-80, uma considerável concentração das estruturas de mercado, o que formou uma indústria mais competitiva que disputa uma maior participação do mercado. O bom desempenho da produção de frangos é explicado por essa concorrência que cria avanços tecnológicos, estudos e pesquisas a fim de provocar quedas nos preços dos insumos e gerar maiores ganhos internos de eficiência na cadeia produtiva, ou seja, no processo produtivo do frango.

O consumo de carne de aves é hoje um costume consolidado no Brasil, dado tanto pela queda de seu preço relativo às carnes suína e bovina, como pela nova tendência que valoriza as carnes brancas na busca de uma dieta mais saudável e equilibrada, o que pode ser confirmado através da tabela 1 seguinte, visto o aumento contínuo do consumo de carne de aves entre 1989 e 1994. Em 1989, o consumo era de 12,9 quilos per capita, em

1992 chegou a 16,1 quilos, em 1993 era de 17,5 quilos e em 1994 foi 19 quilos per capita o que significa um variação de 47,3% neste período (1989/1994).

TABELA 1
Consumo Per Capita de Carne de Aves no Brasil

	1989	1992	1993	1994	Var. 94/89
KiloGrama per Capita por Ano	12,9	16,1	17,5	19,0	47,3%

Fonte: Poultry Wourld Markets and Trade do USDA.
Extraído de: Indicadores ACEAV, Boletim Semanal da ACEAV, Ano II, nº 08/95, 19 a 25 de Fevereiro de 1995, p. 12.

Apesar de o Brasil possuir um alto consumo per capita de frango, o mercado ainda não se encontra saturado e cresce de 8% a 10% ao ano trazendo bons índices no níveis de emprego, salário e distribuição de renda (FARINA, 1994, p. 20) . De acordo com a tabela 2, podemos ressaltar a crescente participação da carne de frango no consumo de carnes per capita no Brasil, a partir de 1980. Isto ocorreu em detrimento principalmente do consumo de carne bovina. Em 1994, o consumo de frango no país subiu de 17,1 quilos per capita, para 19 quilos per capita. A demanda brasileira por

carne de frango nesse período foi integralmente suprida (UBA, dezembro/1994, p. 01).

TABELA 2
Consumo Per Capita de Carnes no Brasil
Participação Percentual 1980 - 1994

Ano	Frangos	Bovinos	Suínos	Total
1980	25,9	50,1	23,9	100
1981	27,6	47,7	24,8	100
1982	26,4	49,7	23,9	100
1983	29,6	46,8	23,6	100
1984	29,6	44,5	25,9	100
1985	31,9	43,4	24,7	100
1986	34,1	41,0	24,9	100
1987	38,5	36,6	24,8	100
1988	38,3	39,0	22,7	100
1989	40,0	38,7	21,3	100
1990	40,7	38,0	21,3	100
1991	42,9	37,1	20,0	100
1992	42,3	38,4	19,3	100
1993 *	43,8	36,6	19,6	100
1994 **	44,6	36,1	19,3	100

FONTE: IBGE / IEA / UBA / APA.

Extraído de: Indicadores ACEAV, Boletim Semanal da ACEAV, ANO II, nº 44/94, 31 de Outubro a 05 de Novembro de 1994, p. 08.

* Estimativa

** Previsão

De acordo com Heitor Müller, presidente da UBA (União Brasileira de Avicultura), os fatores imediatos para esse crescimento do consumo são apontados como sendo a seca no Brasil Central e a conseqüente escassez de

carne de boi. Além disso, houve a migração de consumidores (aqueles que abandonaram o consumo de carne vermelha por razões de dieta alimentar) e a entrada de novos consumidores no mercado. Porém, o fator mais importante é o baixo preço do frango, em comparação com o preço de outras proteínas animais (UBA, dezembro/1994, p. 08).

A nível mundial, Hong-Kong é o maior consumidor per capita de frango, em 1994 o consumo registrado foi 46,7 quilos, os Estados Unidos, com uma população de mais de 250 milhões de habitantes é o segundo maior consumidor, com 41,5 quilos per capita em 1994, o terceiro lugar é ocupado por Israel que consumiu em 1994, 41,2 quilos per capita de frango. O Brasil está em décimo-quinto lugar com consumo de 19 quilos per capita em 1994.

Um recorde no consumo per capita de frango, registrado no segundo semestre de 1994, aponta para um significativo aumento da produção em 1995. Apenas nos primeiros seis meses da implantação do Plano Real, o consumo chegou a 20,3 quilos per capita, revelando uma elevação de 129% ao longo da década - em 1984, o consumo era apenas 8,3 quilos per capita (GAZETA MERCANTIL, 13/02/95).

No Brasil a produção de carne de frangos a dez anos representava apenas 39% da produção de carne bovina, este ano poderá chegar a 83% e é

possível que antes do ano 2000, a produção de carne de frango ultrapasse a produção de carne bovina (PAINEL DE NEGÓCIOS AVÍCOLAS, Nº 2, Abril / 1995).

Como um dos líderes mundiais da área agro-industrial, o Brasil nos últimos 15 anos absorveu e desenvolveu tecnologias que permitiram uma produção crescente de proteína animal de alta qualidade, a custos mais baixos o que garantiu uma maior competitividade internacional.

A indústria brasileira de frangos de corte é hoje a segunda maior produtora e exportadora mundial e a quinta maior produtora de ovos. É constituída por um mercado dominado por poucas e grandes empresas líderes que convivem, com um grande número de pequenos e médios abatedouros. Atualmente, as 15 maiores empresas ocupam quase 52% do mercado, enquanto que as 5 maiores ocupam 35% do mercado de frangos (FARINA, 1994, p. 06).

A principal característica que distingue as empresas líderes no setor avícola é a sua diversificação. As grandes empresas atuam tanto em frango quanto na produção de suínos, bovinos e soja, formando assim um complexo de atividades. Mediante a diversificação, além de praticarem a integração vertical na cadeia frangos e deter os ganhos de coordenação, essas empresas

procuram apropriar-se de sinergias¹ nas áreas de industrialização, distribuição e relações com o mercado consumidor.

A produção brasileira está concentrada principalmente na Região Sul, mais precisamente em Santa Catarina, onde as empresas líderes tradicionais se localizam: Sadia, Perdigão, Chapecó e Ceval. No Rio Grande do Sul, destacam-se a Frangosul, Avipal e Minuano.

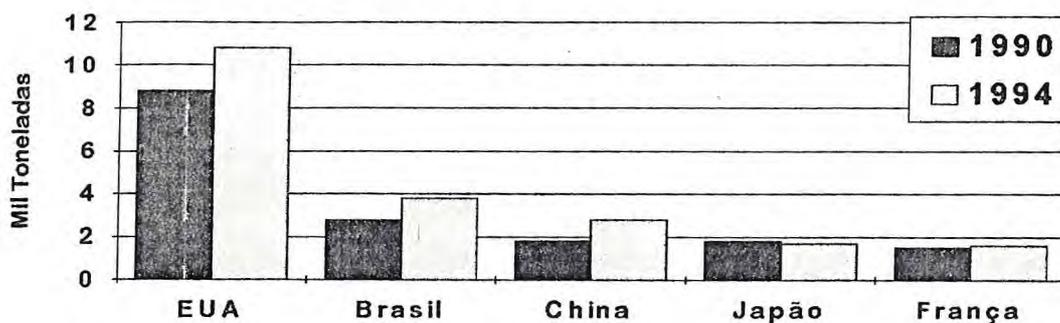
De acordo com os dados do USDA (o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos) e com o gráfico 1 abaixo, o Brasil é o País que vem apresentando um dos melhores desempenhos entre os cinco maiores produtores mundiais de frangos (pela ordem, EUA, Brasil, China, Japão e França). Assim, numa comparação 1990/1994 (período em que a produção mundial de carne de frango teve um aumento de 22%, chegando agora aos 30 milhões de toneladas), a avicultura de corte americana cresce 25%, a brasileira 44%, a chinesa 82%, a japonesa decresceu 4% , enquanto a francesa aumentou 7%. Portanto, entre os cinco, apenas a China acusou crescimento maior que o do Brasil, fato este devido à recente abertura das fronteiras daquele País aos investimentos do Ocidente. De toda forma, o Brasil continua a ampliar sua participação na produção mundial de carne de frango: respondia por 9,49% de toda a produção em 1990; em 1994

¹ **SINERGIA:** *Ato ou esforço simultâneo de diversos órgãos na realização de uma função.*

respondeu por 11,5% do total produzido (INDICADORES - ACEAV, dezembro/1994, p. 09).

O USDA prevê que em 1995 a produção norte-americana de carne de frangos supere a de carne bovina. Serão 11,372 milhões de toneladas de carne de frango, contra 11,107 de carne bovina. Em 2005 a distância deverá ser maior: 15,722 milhões de toneladas de frango para 11,935 milhões de toneladas de carne bovina (PAINEL DE NEGÓCIOS AVÍCOLAS, Nº 2, Abril/95).

Gráfico 1
Os Cinco Principais Produtores
Mundiais de Carne de Frango
1990 e 1994



FONTE: USDA, 1994.

Extraído de: INDICADORES - ACEAV, Boletim Semanal da ACEAV, ANO II, Nº 50/94, 11 a 17 de Dezembro de 1994, p. 09.

No total, a produção brasileira em 1994 foi de 2,323 bilhões de pintos de corte com um aumento de 9,99% em relação a 1993. O volume de carne chegou a 3,421 milhões de toneladas, quando o potencial de produção era de 3,577 milhões de toneladas. Houve uma expansão de 115% na produção brasileira de pintos de corte entre 84 e 95. Os Estados Unidos são o primeiro produtor mundial de carne de frango com quase 10 milhões de toneladas anuais. Segundo levantamento feito pela Apinco, houve uma expansão de 115% na produção brasileira de pintos de corte entre 1984 e 1995. As exportações de carne de frango no ano passado somavam 481 mil toneladas (GAZETA MERCANTIL, 13/02/95).

As empresas de grande porte brasileiras buscam o mercado externo a fim de garantir uma maior flexibilidade no destino de sua produção e também com o intuito de reduzir sua vulnerabilidade às flutuações do mercado de frango atuando em produtos de maior valor agregado e diversificando suas atividades. Com isso, se estabelece uma complementaridade entre mercado interno e externo no que diz respeito a comercialização de partes que lhes confere vantagens competitivas internacionais, decorrentes da disponibilidade de grãos e de um clima favorável.

O Brasil vem participando das exportações de frango desde 1975. O crescimento rápido que ocorreu na década de 70 e início de 80 é decorrente em grande parte da conjuntura favorável da demanda internacional, da disponibilidade interna de milho e soja e além disso, foram dados incentivos fiscais e créditos subsidiados a fim de estimular mais ainda as exportações e conseqüentemente propiciar a ampliação da capacidade produtiva e modernizar o equipamento industrial. Na segunda metade da década de 80, como se verifica na tabela 3 abaixo, houve uma queda nas exportações brasileiras de carne de frango decorrentes do aumento da produção de frango dos nossos importadores e principalmente pelo crescimento dos subsídios norte-americanos e de países europeus que tornaram suas produções mais competitivas no mercado internacional.

TABELA 3
Crescimento Anual da Produção, Consumo Interno
e Exportações de Frango Brasileiros

Anos	Produção	Merc. Interno	Exportações
1970 - 93	12,30%	11,60%	*
1970 - 80	19,70%	18,00%	*
1980 - 85	2,60%	1,20%	6,90%
1985 - 90	9,70%	11,20%	1,80%
1990 - 95	10,00%	9,90%	11,10%

* As exportações iniciaram-se somente em 1975.

FONTE: APICO / ABEF

Extraído de: FARINA, Elizabeth M. M. Q. Sadia - O Desafio da Liderança no Mercado de Frangos, 1994, p. 25, tab. 05.

Ainda de acordo com a tabela 3, temos que, na primeira metade da década de 90, as exportações cresceram a uma taxa de 11% ao ano, contra 1,8% registrado na segunda metade dos anos 80. A razão desse significativo desempenho está na retração do mercado interno e numa relação cambial mais propícia (FARINA, 1994, p. 11).

O Brasil encerrou o ano de 1993 com um novo recorde de vendas de frango para o exterior - 416 mil toneladas e receita cambial de US\$ 465 milhões, colocando o frango entre os 20 maiores produtos na relação de exportações nacionais (FARINA, 1994, p. 11)

Em 1994, o Brasil colocou no mercado internacional entre 463 e 465 mil toneladas do produto, o que representa um crescimento de 6% em relação a 1993. Do total produzido em 1994, alcançando cerca de 3 milhões e 450 mil toneladas, aproximadamente 987 mil toneladas foram destinadas ao mercado interno (UBA, dezembro/1994). Os produtores brasileiros vêm oferecendo maior variedade de cortes e abrindo novos mercados.

No que se refere ao destino das exportações, a tabela 4 mostra que o Oriente Médio é o nosso principal mercado e tem preferência pelo frango inteiro, o segundo mercado para o frango brasileiro é o Extremo Oriente e prefere partes, assim como o nosso terceiro mercado, a Europa. Digno de menção é o atual incremento das vendas de cortes de frango para a

Argentina que apresenta um consumo per capita de carne de frango elevado e superior ao brasileiro (21 Kg/hab./ano).

Em relação ao mercado norte americano, existe um grande interesse das indústrias brasileiras em exportar partes de frango, especialmente peito de frango, isto porque nos Estados Unidos este tipo de corte alcança preços atraentes diante da grande preferência do consumidor. No Brasil, ao contrário, o frango inteiro ainda é o mais consumido, embora a demanda por partes venha aumentando nos últimos anos.

O crescimento contínuo das exportações de partes é verificado pelos números: em 1985 estas representavam cerca de 14% do total das exportações brasileiras e em 1993 tal participação chegou a 35%. A exportação de partes de frango possui maior valor agregado e em alguns anos chegou a ter preços 70% maiores do que os frangos inteiros (FARINA, 1994, p. 12).

TABELA 4

Destino das Exportações Brasileiras de Frango -1993 (mil toneladas)

Destinos	Partes	Inteiro	Total
Europa	47,8	4,8	52,6
Extremo Oriente	81,0	9,0	90,0
Oriente Médio	11,1	232,3	0,0
América Latina	1,7	23,9	25,6
Outros	5,0	0,3	5,3
Total	146,0	270,3	416,3

FONTE: ABEF

Extraído de: FARINA, Elizabeth M. M. Q. Sadia - O Desafio da Liderança no Mercado de Frangos, 1994, p. 28, tab. 08.

A exportação brasileira de frango, no primeiro semestre de 1994 cresceu 28% no volume e 35% no valor faturado em relação ao mesmo período do ano anterior. O volume exportado, de janeiro a junho de 94, atingiu 250,9 mil toneladas que geraram receita de US\$ 285,5 milhões. Além do crescimento, houve uma maior participação nas exportações de recorte, o que proporcionou uma melhoria na receita. Os embarques de frangos inteiros corresponderam a 63% do total e as partes atingiram 37% do total. no mesmo período de 93, os frangos inteiros responderam por 67% da receita cambial, enquanto que as partes atingiram 33%. No acumulado dos últimos 12 meses, o Brasil embarcou 489 mil toneladas, com receita de US\$ 553 milhões. A distribuição das exportações foi a seguinte:

- 1º lugar - Sadia, com 30,5% do total embarcado;
- 2º lugar - Perdigão, com 23,6%;
- 3º lugar - Ceval, com 12,2%;
- 4º lugar - Chapecó, com 8,7%;
- 5º lugar - Frangosul, com 7,1%;
- 6º lugar - Diplomata, com 4,6%;
- 7º lugar - Minuano, com 3,4%;
- 8º lugar - Agroeliane, com 3,1%;
- 9º lugar - BigFrango, com 2,1%;
- 10º lugar - Avipal, com 1,4% (INDICADORES - ACEAV,

Setembro/1994, p. 19).

1.2. Uma Análise Comparativa do Setor Avícola Segundo as Regiões Produtoras

A avicultura industrial não é característica do Brasil como um todo, havendo regiões que ainda predominam criatórios de pequena escala.

As regiões Sul e Sudeste destacam-se na produção de frangos tendo o estado de São Paulo como o maior produtor de matrizes tanto de corte, como de postura.

Os grandes abatedouros se instalaram na década de 70 primeiro na região Sul e em seguida expandiram-se para a região Sudeste através de aquisições de abatedouros tradicionais e mais antigos. Nos anos 80, graças aos incentivos e créditos cedidos para promover o desenvolvimento do setor dados aos estados do Sul do País, permitiram que Santa Catarina assumisse a liderança na produção de matrizes de corte. Em 1988, Santa Catarina foi responsável por 34% do abate feito nos principais estados produtores, enquanto São Paulo participou com 22% do total(ZIRLIS, LINS, GIULIETTI. *et al*, 1990, p. 148).

Os produtores sulinos ganharam maior competitividade no mercado nacional devido às isenções fiscais que permitiram comercializar parte significativa de sua produção a preços mais baixos. Outra importante origem da redução dos custos foi a implantação, a partir das empresas instaladas na região Sul, de sistemas integrados de produção, pelo qual a empresa coordena toda a cadeia produtiva desde a criação de aves matrizes, fabricação de ração, criação de frangos, abate, até a distribuição para consumo. Com a coordenação integrada a produção de carne de frango toma aspecto de uma linha de produção industrial, marcada pelo controle de tempos e fluxos.

Ainda relacionado ao sistema de produção avícola, assume importância a localização das fontes de insumos, milho e soja, já que a produção da carne de frango pode ser encarada como uma transformação de alimento de origem vegetal em proteína animal. Com isso, não se pode deixar de relacionar o desenvolvimento da avicultura na região Sul nos anos 70 da grande expansão da soja na região nessa mesma época e além disso o fato de ser a região Sul uma tradicional produtora de milho.

A região Sul continua sendo a principal produtora somando 105 milhões de pintos em dezembro de 1994, com um crescimento de 10,79% sobre o mesmo período de 1993 (GAZETA MERCANTIL, 13/02/95).

No estado de São Paulo, a avicultura ocupa o 6º lugar contribuindo entre 5% e 6% do valor bruto da produção entre os 33 principais produtos agrícolas. A Região Sudeste e mais particularmente São Paulo possuem grandes unidades especializadas na produção de matrizes selecionadas e pintos de um dia. Essa região é o principal responsável pelo abastecimento de matrizes aos outros Estados do Brasil (ZIRLIS, LINS, GIULIETTI. *et al.*, 1990, p. 152).

Na região Centro-Oeste o estado de Mato Grosso revelou o melhor desempenho no ano de 1994 em alojamentos de pintos de corte, ampliando o alojamento em 403,62% se comparados aos volumes registrados em dezembro de 1993 e o mesmo mês de 1994. O caminho natural da região Centro-Oeste é colocar uma maior produção no mercado brasileiro, aproveitando a presença de novos criadores e a farta oferta de insumos para a alimentação dos frangos - como milho e farelo de soja (GAZETA MERCANTIL, 13/02/95).

A avicultura no Norte do Brasil é uma atividade em pleno desenvolvimento e tem conquistado um lugar de destaque na economia da Região. Brevemente os avicultores do Pará terão uma opção barata e regional na alimentação de frangos de corte e postura, com a utilização do resíduo de castanha do Pará, abundante naquela área. Com a utilização da

nova ração desenvolvida, estima-se que haverá pelo menos uma economia de 35% em relação ao farelo de soja importado do Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Rondônia. O farelo de soja é responsável por cerca de 70% do custo de produção avícola no Pará (O POVO, 15/01/95, p. 02).

A avicultura na região Nordeste constitui-se atualmente em uma importante atividade econômica, não somente pelo surgimento de empresas avícolas modernamente organizadas, mas também por fornecer aos mercados consumidores, substanciais quantidades de aves e ovos, importantes fontes de proteínas. A avicultura no contexto da agropecuária nordestina vem alcançando elevados níveis de produção e produtividade, impulsionada pela alta tecnologia adotada o que tem transformado esse setor num importante fornecedor de proteína de origem animal.

O alojamento de pintos de corte em agosto de 1994 superou os 200 milhões no Brasil e se tomarmos em comparação com agosto de 1993, o Sudeste rompeu a barreira dos 70 milhões; o Sul, dos 100 milhões; o Centro-Oeste aproxima-se dos 5 milhões; e o Nordeste produziu mais de 20 milhões. Com isso (e mesmo que a Região Norte tenha aumentado sua produção em apenas 3,2%) nos últimos 12 meses a produção brasileira aumentou 11,2% (INDICADORES - ACEAV, Setembro/1994, p. 07).

A produção brasileira do setor, em 1994, superou os 2,323 bilhões de pintos de corte, com aumento de 9,99% sobre o ano de 1993 e a utilização de 95,12% do potencial instalado - este, o melhor índice alcançado desde 1981. Ao alcançar os 2,323 bilhões, a avicultura mais do que dobrou sua produção em uma década (crescimento de 115%). Fato que aliado aos ganhos de produtividade detidos na criação do frango nesse período, traduz-se por frango para os brasileiros (INDICADORES - ACEAV, Fevereiro/1995, p. 15).

A produção avícola no Nordeste está concentrada nos estados de Pernambuco e Ceará que juntos bancaram em 1991, 70% da produção regional de frangos e ovos (DN, 27/04/91).

A tabela 5 a seguir, mostra o alojamento anual de matrizes de corte no Brasil e em suas regiões no período de 1989 a 1994, verifica-se portanto o crescente aumento no alojamento de matrizes de corte no período, com destaque para as regiões Sul e Sudeste. A região Centro-Oeste superou a região Norte a partir de 1991 o que confirma a crescente evolução do setor avícola.

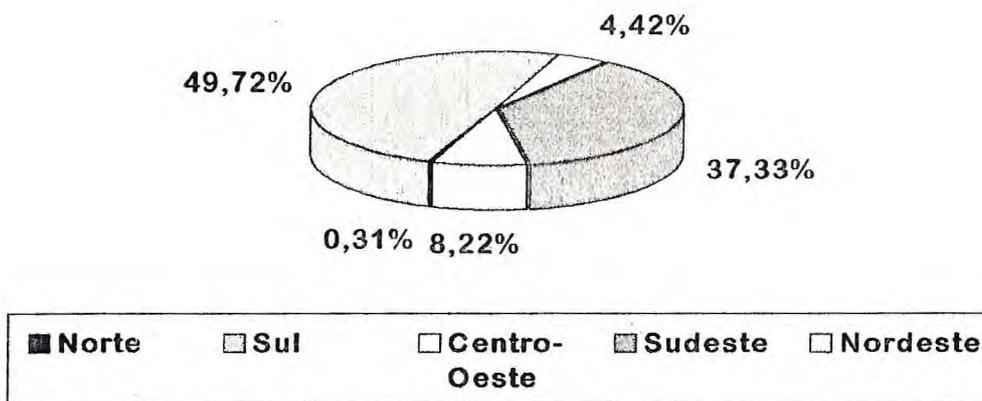
TABELA 5
Alojamento Anual de Matrizes de Corte - Período: 1989 - 1994

	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Brasil	13.843.154	15.794.681	17.011.970	17.276.364	18.718.979	20.817.702
Nordeste	1.380.797	1.693.471	1.860.222	1.576.112	1.602.776	1.711.990
Sudeste	5.145.907	5.996.457	6.122.559	6.375.930	7.009.088	7.770.944
Sul	7.041.150	7.680.000	8.547.806	8.808.558	9.389.989	10.351.448
Centro-Oeste	119.680	212.688	270.139	374.121	559.926	919.132
Norte	155.620	224.065	211.244	141.643	157.200	64.188

FONTE: UBA - União Brasileira de Avicultura
 ELABORAÇÃO: AVICOL / ACEAV
 EXTRAÍDO DE: Indicadores ACEAV-AVES, 1995.

No gráfico 2 abaixo, tem-se a participação por regiões no alojamento de matrizes de corte no ano de 1994, onde mais uma vez se confirma o destaque das regiões Sul e Sudeste, que juntas detiveram cerca de 87% do alojamento nacional de matrizes de corte. A região Nordeste vem logo em seguida com 8,22%, a Centro-Oeste participa com 4,42% e a Norte com 0,31%.

Gráfico 2
Alojamento de Matrizes de Corte
1994
Participação por Região



FONTE: ACEAV / AVICOL

De acordo com a tabela 6 abaixo, podemos verificar que a produção nacional de pintos de corte está em contínua ascensão, no período de 1989 a 1994 a produção brasileira passou de 1.475.239.648 para 2.323.906.509 pintos de corte. Quanto as regiões, nota-se a marcante posição das regiões Sul e Sudeste, a região Nordeste vem logo em seguida com evolução significativa na produção de pintos de corte, em 1989 respondia com 125.463.463 e em 1994 com 230.454.400. As regiões Centro-Oeste e Norte, caminham também numa crescente evolução na produção de pintos de corte, em 1989 a região Centro-Oeste produzia 15.419.951 pintos de corte e em 1994 passou a produzir 42.749.069 pintos de corte.

TABELA 6
Produção Anual de Pintos de Corte - Período: 1989 - 1994

	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Brasil	1.475.239.648	1.621.194.435	1.819.283.604	1.974.640.703	2.112.920.140	2.323.906.509
Nordeste	125.463.463	142.697.241	179.266.965	182.102.056	198.591.924	230.454.400
Sudeste	530.303.779	604.249.917	697.551.831	756.894.193	792.008.660	839.329.968
Sul	783.455.665	830.925.959	892.204.107	986.576.599	1.059.544.860	1.171.835.588
Centro-Oeste	15.419.951	18.949.322	21.221.638	19.570.580	27.661.330	42.749.069
Norte	20.596.790	24.371.996	29.039.063	29.497.275	35.113.366	39.537.484

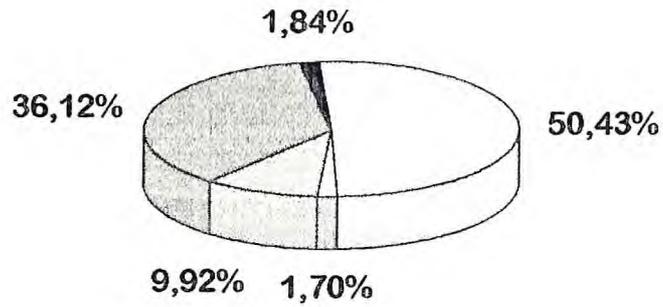
FONTE: APINCO

ELABORAÇÃO: AVICOL / ACEAV

EXTRAÍDO DE: Indicadores ACEAV-AVES, 1995.

No gráfico 3 a seguir, temos a participação por regiões na produção nacional de pintos de corte em 1994. Nota-se que as regiões Sul e Sudeste, as grandes produtoras, obtiveram juntas cerca de 86% da produção brasileira, a região Nordeste participou com 9,92%, a Centro-Oeste com 1,84% e a Norte com 1,7%.

Gráfico 3
Produção de Pintos de Corte
1994
Participação por Região



<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-Oeste	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
----------------------------------	---------------------------------------	------------------------------	--------------------------------	-----------------------------------

FONTE: ACEAV / AVICOL

CAPÍTULO 2 - A Avicultura no Estado do Ceará: Um Diagnóstico da Produção de Frangos.

2.1: Panorama Global

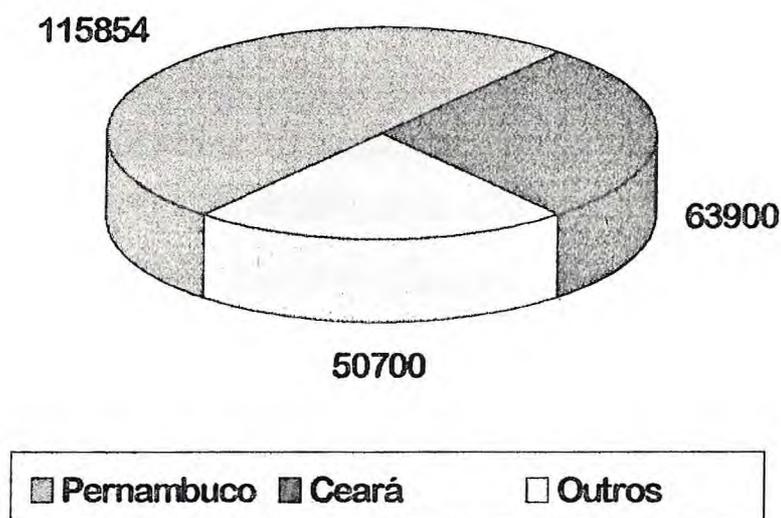
A avicultura no Ceará inicia-se no final da década de 50 com pequenas criações de galinhas a nível de subsistência. O desenvolvimento do setor avícola no entanto, foi marcado por alguns entraves iniciais, como: a falta de assistência técnica-veterinária especializada, as rações não possuíam fórmulas balanceadas, não haviam incentivos fiscais nem financeiros e a falta de respaldo tecnológico representava um forte agravante desse quadro inicial. Estes fatores acima mencionados acabaram por desestimular empreendimentos no setor. Foi somente a partir de 1963, através de créditos, que foram implantadas as grandes empresas avícolas no Estado do Ceará, estas empresas tiveram o apoio do Banco do Brasil, Banco do Nordeste do Brasil, com recursos financeiros cedidos pelo FINOR e da SUDENE, através de incentivos fiscais.

Desta forma, os incentivos fiscais e financeiros recebidos pelo setor avícola cearense, aliado ao elevado preço da carne bovina e da precariedade da oferta de outras carnes substitutas, foram de fundamental importância no crescimento e desenvolvimento da avicultura no Ceará.

Formada pelos segmentos de frango de corte, produção de ovos e pinto de um dia, a avicultura local é a sétima maior produtora de frango de corte do Brasil, ficando atrás de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Pernambuco. O Ceará é hoje o segundo maior produtor de frango do Nordeste, e deteve em 1994, 27,7% da produção nordestina e 2,7% da produção nacional. O primeiro produtor nordestino é Pernambuco, em 1994 deteve 50,3% da produção regional e 5,0% da produção nacional. Ceará e Pernambuco juntos representam aproximadamente 80% da produção de frango de corte a nível regional (DIÁRIO DO NORDESTE, 22/04/95).

No gráfico 4 a seguir, tem-se a produção de pintos de corte do Nordeste em 1994. A produção total chegou a 230.454.000 pintos de corte. Os principais produtores Pernambuco e Ceará produziram 115.854.000 e 63.900.000 pintos de corte, respectivamente.

Gráfico 4
Produção de Pintos de Corte
1994 - (x 1.000)



FONTE: ACEAV / AVICOL

A avicultura ocupa atualmente uma posição de liderança na economia cearense, com uma participação de 29,5% de toda a atividade agrícola e pecuária do Estado. Enquanto o Brasil produz cerca de 230 mil toneladas de frango por mês o Ceará atinge cerca de 10 mil toneladas, ou 3,47% (O POVO, 25/09/94).

A produção cearense é cerca de 10% maior que o consumo e parte do percentual excedente é exportado para estados vizinhos, a exemplo do Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão (DN, 13/02/95).

Analisando a tabela 7 seguinte podemos verificar que o setor avícola brasileiro encerrou o primeiro semestre de 1994 com uma produção de 1,084 bilhão de pintos de corte, que representa um crescimento de 7,36% no ano. O volume detido pelo segmento supera em 0,65% o total de 1,077 bilhão de pintos produzidos nos últimos 10 anos. A participação do Nordeste foi de 105,7 milhões, sendo que o Ceará produziu 28,7 milhões de pintos de corte no primeiro semestre de 1994. O potencial existente é de 16% superior à produção de pintos de corte alcançada no segundo semestre de 1993. O consumo per capita de frangos passou dos 8,2 quilos, em 1984, para 17,5 quilos, em 1993, e passou a cerca de 19 quilos em 1994 e deve ficar em 20 quilos, em 1995, ficando próximo ao consumo de carne bovina que chega a 25 quilos per capita (DN, 24/08/94).

TABELA 7
Produção de Pintos de Corte

Região	1º Semestre/94	1º Semestre/93	Aumento
Brasil	1,084 bilhão	1,005 bilhão	7,80%
Nordeste	105,7 milhões	92,4 milhões	14,30%
Ceará	28,7 milhões	25,7 milhões	11,80%
Pernambuco	53,7 milhões	46,3 milhões	16,00%
Bahia	5,7 milhões	2,5 milhões	124,00%
R.G. Norte	724 mil	490 mil	47,90%
Sergipe	6,2 milhões	7,0 milhões	-11,50%
Maranhão	4,5 milhões	3,7 milhões	21,50%
Piauí	3,6 milhões	4,0 milhões	-9,50%
Paraíba	2,2 milhões	2,5 milhões	-9,40%

FONTE: ACEAV

Extraído de: Indicadores - ACEAV, Boletim Semanal da ACEAV, ANO I, nº 35/94,
 28/Agosto a 03/Setembro de 1994.

No Ceará, o abastecimento de carnes é feito, em média, 60% pela produção de frango, 30% de carne bovina, quase toda vinda de fora do Estado, e 10% de outras carnes (peixes, suínos e ovinos). A carne de frango lidera o abastecimento local. A produção avícola no Ceará é composta de frangos e ovos. O setor como um todo, oferece sistematicamente esses dois produtos que têm comportamento de produção e oferta muito semelhante (ACEAV, novembro/1994).

O setor avícola cearense apresentou um significativo crescimento nos últimos 14 anos destacando-se como um dos setores que mais se desenvolveu desde o início da década de 80 utilizando as mais modernas tecnologias que garante melhores condições técnicas de conservação e comercialização do produto, é portanto o líder precursor no processo de interiorização da indústria no Ceará, contribuindo com cerca de 60% da proteína animal consumida pelo cearense e gera no Estado cerca de 13.000 empregos diretos (a produção e distribuição) e aproximadamente 35.000 empregos indiretos (no abate, comercialização, atividades de suporte e de serviços voltados para a infra-estrutura produtiva).

O quadro 1 a seguir mostra a produção média da avicultura local nos segmentos de frangos de corte, ovos comerciais e pintos de corte e o consumo médio de insumos: rações, milho e farelo de soja.

QUADRO 1

<i>Produção e Consumo Mensal do Setor Avícola Cearense - 1994*</i>	
Frango-de-corte (produção)	9.000 t/mês de carne
Ovos Comerciais (produção)	6,0 milhões de dz/mês
Pintos-de-Corte (produção)	5,3 milhões de un/mês
Rações (produção/consumo)	44.000 t/mês
Milho (consumo)	28.000 t/mês
Farelo de Soja (consumo)	12.000 t/mês

FONTE: ACEAV/AVICOL

* Valores Aproximados.

No quadro 2 abaixo tem-se a estrutura do setor. Como se pode notar ele é constituído de 70 unidades produtoras de frango, 21 incubatórios, 16 empresas de suporte, que comercializam insumos e equipamentos e 3 abatedouros industriais.

QUADRO 2

<i>Estrutura do Setor Avícola Cearense - 1994</i>	
Produtoras (só Frangos)	70
Incubatórios	21
Suporte	16*
Abatedouro Avícola Industrial	3

* Empresas que comercializam insumos e equipamentos.

FONTE: ACEAV/AVICOL

Apesar da significativa posição de destaque que a avicultura cearense ocupa na economia do Estado com sua elevada produção e produtividade nas duas últimas décadas, o setor se depara com sérios problemas entre eles, a escassez de insumos para abastecer seu parque produtivo.

Dentre os insumos utilizados, o milho e o farelo de soja são os mais importantes e não são produzidos em quantidades suficientes para atender a demanda do setor. A demanda é cerca de meio milhão de toneladas de milho e farelo de soja por ano e por isso é levado a importar estes como outros insumos da Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Argentina e Estados Unidos.

Com relação aos problemas enfrentados na aquisição de insumos, as perspectivas são de dificuldades e entre as soluções propostas para amenizar a situação está a substituição do milho pela raspa de mandioca na ração do frango.

2.2- Análise do Setor Avícola Produtor de Frangos do Estado do Ceará

Realizamos uma pesquisa junto às empresas produtoras de frangos de corte no Estado do Ceará. Os questionários foram entregues pessoalmente aos diretores das empresas na reunião semanal que ocorre na ACEAV - Associação Cearense de Avicultura. Foram selecionadas as 13 (treze) empresas mais organizadas e estruturadas da ACEAV e as quais produzem basicamente frango de corte. Dos questionários entregues, 6 (seis) foram devolvidos devidamente respondidos.

A aplicação do questionário teve como objetivo realizar um perfil das empresas produtoras de frango de corte no estado do Ceará. O questionário aplicado junto às empresas aborda itens como: mão-de-obra, utilização de insumos, capital, tecnologia, recursos financeiros, produção e custo.

Faremos a seguir a análise de cada um dos itens acima mencionados.

Das empresas entrevistadas 4 (quatro) se situam em Fortaleza, 1 (uma) se localiza em Aquiraz e 1 (uma) em Cascavel, todas essas produzindo além de frangos de corte, ovos e pintos de um dia.

a) Caracterização da Mão-de-Obra

O número de empregados das empresas está na faixa de 130 a 250, com exceção de uma empresa que possui cerca de 890 funcionários. De acordo com o Cadastro Industrial, as empresas estão na faixa 3 o que as caracteriza como médias empresas, com exceção de uma empresa que possui aproximadamente 890 empregados e que é assim considerada como grande empresa, e se encontrando na faixa 4².

TABELA 8

Distribuição e Concentração dos Empregados Segundo Qualificação da Mão-de-Obra

Qualificação da Mão de Obra	Percentual dos Empregados	Concentração
Nível Superior	1,0% a 3,8%	-
2º Grau Completo	2,5% a 80%	10%
1º Grau Completo	8,0% a 31,2%	20%
1º Grau Incompleto	28,5% a 60,2%	-
Alfabetizados	10,0% a 70,0%	20%
Analfabetos	2,5% a 23,0%	20%

FONTE: Pesquisa Direta, 1995.

Na tabela 8 acima verifica-se que de 1% a 3,8% do total de empregados são de nível superior, exercendo basicamente as funções administrativas; entre 2,51% e 80% com concentração em torno dos 10% está situado o intervalo dos empregados com 2º grau completo, além de

² FAIXA 1: Até 19 empregados (MICRO EMPRESA); FAIXA 2: 20-99 empregados (PEQUENA EMPRESA); FAIXA 3: 100-499 empregados (MÉDIA EMPRESA); FAIXA 4: Mais de 500 empregados (GRANDE EMPRESA).

exercerem certas funções administrativas exercem também funções comerciais. O intervalo de 8% a 31,2% com concentração em torno de 20%, apresenta o percentual dos empregados com 1º grau completo, o percentual de empregados com 1º grau incompleto situa-se no intervalo de 28,5% a 60,2% . Os analfabetos e alfabetizados (aqueles que sabem ler e escrever) situam-se no intervalo de 2,5% a 23,0% com concentração em torno de 20% e 10% a 70% com concentração em torno de 20%, respectivamente, exercendo predominantemente a função produtiva.

Verificou-se que metade das empresas possuem até 5% de mão-de-obra feminina e outra metade entre 5% e 10%, ou seja a participação da mão-de-obra feminina nas empresas é em torno dos 10%. Em sua grande maioria os empregados são do sexo masculino em um quarto das empresas a mão-de-obra masculina se situa no intervalo de 5% a 10% , porém em 75% das empresas questionadas a mão-de-obra masculina chega a representar 82% do total.

Em relação a idade dos empregados, nota-se uma grande concentração na faixa de 18 a 40 anos de cerca de 70% do total de empregados; em relação ao intervalo de mais de 40 anos percebe-se que a participação é em torno de 10% do total de empregados.

O pagamento da mão-de-obra é feito, no total das empresas, por tempo e não por produção.

A jornada de trabalho para todas as empresas questionadas é formada de 1 turno de 8 horas, o que totaliza 44 horas semanais com exceção de 1 empresa que trabalha 55 horas semanais.

Outra característica da mão-de-obra é que ela não é treinada.

b) *Utilização dos Insumos*

Os insumos utilizados no processo produtivo são: o milho, o farelo de soja, o farelo de trigo, calcário, a farinha de carne, o sal, premix, óleo, vitaminas, metonina e vacinas.

TABELA 9

Percentual das Empresas Segundo Tipo de Insumo Utilizado

INSUMOS	NÚMERO DE EMPRESAS
Milho	100,0%
F. Soja	100,0%
F. Trigo	50,0%
Calcário	50,0%
F. Carne	83,3%
Sal	66,6%
Premix	33,3%
Óleo	66,6%
Outros*	33,3%

FONTE: Pesquisa Direta, 1995

*OUTROS - Vitaminas, Metionina, Vacinas.

Na tabela 9 acima pode-se observar que em média as empresas utilizam 8 insumos, com unanimidade para o farelo de soja e milho, todas as empresas os utilizam. A farinha de carne é utilizada por 83,3 % das empresas questionadas. Os outros insumos como: calcário e farelo de trigo, são utilizados por metade dos entrevistados, o sal e o óleo por 66,6% e o premix é utilizado em cerca de um terço das empresas. As vitaminas, a metonina e as vacinas entram também na relação dos insumos utilizados porém com menor representatividade, somente 2 empresas os utilizam.

De acordo com a tabela 9 acima verificou-se que o milho, o farelo de soja e a farinha de carne são os principais insumos.

Na tabela 10 a seguir nota-se que estes principais insumos são adquiridos de vários fornecedores, 83,3% das empresas adquirem o milho no exterior, sendo importado principalmente da Argentina e somente 16,7% das empresas o adquirem no comércio local. O farelo de soja é mais variado, sendo adquirido de vários fornecedores, 33,3% das empresas o adquirem no Nordeste, principalmente na Bahia, a metade das empresas questionadas adquirem o farelo de soja de diversos fornecedores e somente 16% das empresas importam do exterior. Quanto a farinha de carne, em 60% das empresas ela é adquirida no comércio local, o percentual das empresas que

adquirem o farelo de carne no Nordeste e em diversos fornecedores responde por 20% do total.

TABELA 10

Origem dos Principais Insumos: Milho, F. Soja e F. Carne
Participação das Empresas (%)

Origem	Milho	F. Soja	F. Carne
Comércio Local	16,7	0	60
Nordeste	0	33,3(Bahia)	20
Exterior	83,3 (Argentina)	16,7	0
Diversos	0	50	20
Total	100	100	100

FONTE: Pesquisa Direta, 1995.

Na tabela 11 abaixo temos os critérios adotados pelas empresas para escolher seus fornecedores, o preço e a qualidade são os mais importantes dos critérios usados e ambos são utilizados por todas as empresas questionadas, já o prazo e a pontualidade apesar de relevantes somente são adotados por 40% das empresas.

TABELA 11

Critério para Escolha dos Fornecedores Segundo Empresas (%)

Crítérios	Preço	Qualidade	Prazo	Pontualidade
Participação	100	100	40	40

FONTE: Pesquisa Direta, 1995

c) *Capital e Tecnologia*

A manutenção das máquinas é feita de forma corretiva por 83,3% das empresas, 50% delas utilizam além da manutenção corretiva, a manutenção preventiva. Do total das entrevistadas apenas 16% utilizam a manutenção preventiva ou corretiva concomitantemente.

No tocante a depreciação, somente a metade das empresas trabalha com provisões para depreciação.

A forma de realizar o controle de qualidade é feita em todas as empresas (100%) pela opinião dos clientes. A concorrência é um critério de controle de qualidade utilizado por 66,7% das empresas. Ressalte-se que a avaliação dos funcionários, consultorias particulares e orientação do SEBRAE são utilizados em somente 16,7% das empresas.

Os recursos usados para a aquisição de máquinas e equipamentos em 66,7% das empresas são próprios, em 33,3% das empresas, no entanto, além dos recursos próprios, são utilizados financiamentos de bancos oficiais e privados nacionais.

d) *Recursos Financeiros*

A origem dos recursos para a instalação e manutenção das empresas, na sua grande maioria, de 70% a 100% são próprios. Os recursos

provenientes de bancos privados nacionais respondem em somente 20% das empresas e os bancos oficiais nacionais participam com recursos que vão de 18% a 30% em 40% das empresas.

Esses recursos tem a finalidade em 80% das empresas de expansão e modernização e em 20% delas tem o objetivo único de expansão. É importante ressaltar que a maioria das empresas (80%) nos últimos 5 anos contou com algum financiamento além do próprio, de bancos privados ou oficiais brasileiros.

e) Produção e Custo

A totalidade dos frangos abatidos produzidos pelas empresas atendem somente o Ceará, já os frangos vivos além do Ceará atendem outros estados do Nordeste como Maranhão e Piauí.

Na tabela 12 a seguir, temos a estrutura de custos das empresas. Como podemos verificar 25% das empresas questionadas utilizam até 5% dos seus gastos em recursos humanos e 75% chegam a utilizar entre 5% e 10% .Quanto aos insumos utilizados todas as empresas se situam no intervalo entre 10% e 40%, sendo que os gastos com matérias primas são divididos, 50% das empresas se situam no intervalo de 10% a 40% e 50% no intervalo de 50% a 75%, podemos notar portanto, que o custo com

matérias-primas, principalmente o milho e a soja, é muito alto. Basicamente o maior custo em relação aos insumos utilizados se dá com as matérias-primas. Os serviços, como fretes e seguros em todas as empresas chegam a somente 5%. O capital em 50% das empresas questionadas se situa no intervalo de 5% a 10% e em 50% os custos com capital está entre 10% e 40%. Em todas as empresas os custos com provisões para depreciação, juros e amortização chegam a 5% do total dos custos.

TABELA 12

Participação das Empresas (%) por Faixas de Composição dos Custos

Participação nos Gastos	Até 5%	5% à 10%	10% à 40%	50% à 75%	Total
Discriminação					
Recursos Humanos	25	75			100
Insumos Utilizados			100		100
Matéria Prima			50	50	100
Serviços (Fretes e Seguros)	100				100
Outros	66,7		33,3		100
Capital		50	50		100
Provisões para Depreciação	100				100
Juros	100				100
Amortização	100				100
Outros			100		100

FONTE: Pesquisa Direta, 1995.

f) *Fluxograma do Abate de Frango*

No fluxograma a seguir, podem ser observadas as várias etapas do processo de abate do frango.

Na desmontagem do frango nada é jogado fora, tudo se aproveita.

Ao chegar ao frigorífico, as aves são encaminhadas à recepção onde permanecem em dieta hídrica por duas horas. Logo após são dependuradas pelos pés e atordoadas eletricamente, o próximo passo é a sangria que é realizado num ambiente chamado de “túnel de sangria”.

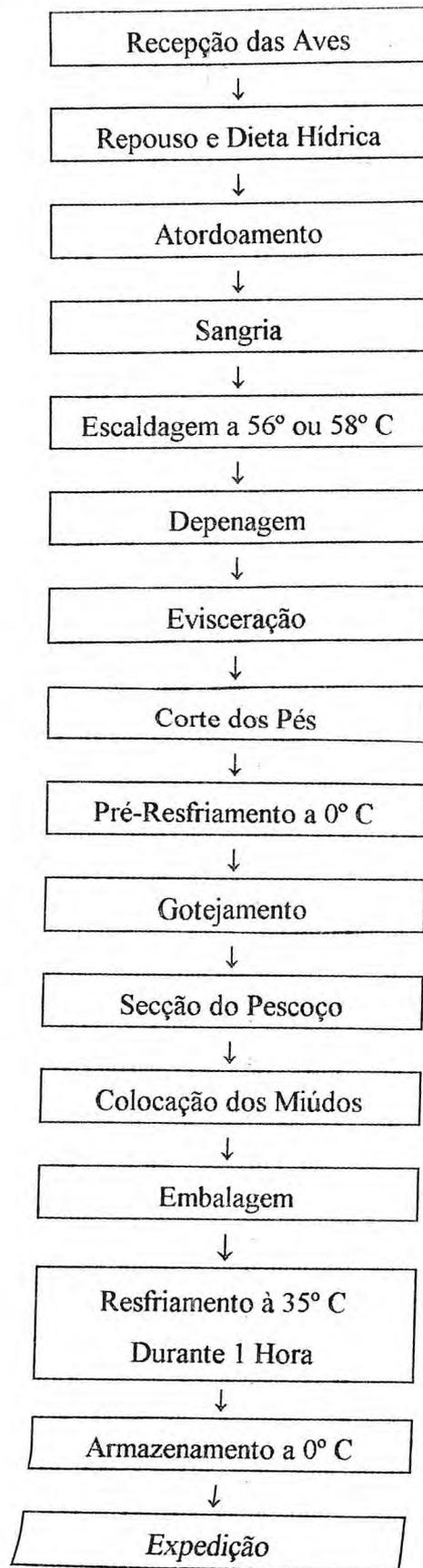
Após a sangria, a ave segue para a escaldagem e depenagem. Quando é usado o sistema de imersão, as aves são escaldadas durante três minutos à temperaturas entre 56° e 58°C, para facilitar a remoção das penas.

Da escaldagem a carcaça é encaminhada, por linha mecanizada, para a sala de evisceração, antes disso, as aves são lavadas por chuveiros aspersores. A evisceração é realizada com as carcaças suspensas pelos pés, de forma a permitir que as vísceras não comestíveis sejam recolhidas e conduzidas para os coletores. As vísceras comestíveis (coração, fígado e moela) após terem sido preparadas e lavadas, são acondicionadas em recipientes de plástico ou aço inoxidável, sendo refrigeradas o mais rápido possível.

Seguem-se as operações de corte do pescoço e dos pés, que são imediatamente resfriados. As carcaças são então encaminhadas para pré-resfriamento e resfriamento.

Do sangue é feito a ração para os próprios frangos, das penas faz-se travesseiros e juntamente com o sangue se produz farinha. A pele dos pés é aproveitada como matéria-prima na fabricação de pulseiras de relógio, acessórios femininos, como bolsas e cintos.

FLUXOGRAMA DO ABATE DE FRANGO



2.3 - Considerações Gerais

Neste capítulo procurou-se realizar o Diagnóstico do Setor Avícola Cearense através da análise das empresas que fizeram parte da amostra. A análise feita permite derivar uma série de aspectos interessantes com respeito ao setor avícola responsável pela produção de frangos de corte no Estado do Ceará.

A avicultura local é hoje a sétima maior produtora de frangos de corte do Brasil e a segunda maior do Nordeste. O Ceará em 1994 produziu 63.900.000 pintos de corte, o que leva a avicultura cearense a ocupar uma posição de liderança na economia do Estado.

A produção de frangos além de atender demanda interna atende também outros estados, a exemplo do Piauí e Maranhão. No Ceará o abastecimento total de carnes, é feito em média, 60% pela produção de frango, 30% pela carne bovina, que é quase toda importada e 10% de outras carnes, portanto, a carne de frango lidera o abastecimento local.

Apesar da posição de destaque que a avicultura cearense ocupa na economia do Estado, o setor se depara com sérios problemas, entre eles, a escassez de insumos.

As empresas que compõem o setor são de médio e grande porte devido ao número de empregados. A mão de obra não possui treinamento e é basicamente masculina. O pagamento dessa mão de obra é feito por tempo de trabalho e a jornada deste para a maioria das empresas pesquisadas é de 44 horas semanais.

Quanto aos insumos utilizados, o milho, o farelo de soja e a farinha de carne são os principais componentes para a preparação da ração. São adquiridos de vários fornecedores, tanto no comércio local quanto importados de outros estados e países, como a Argentina.

Na estrutura de custos das empresas, o milho e o farelo de soja são os insumos com maior representatividade, chegando a um custo de 75% em relação ao preço do frango em algumas empresas.

A manutenção das máquinas é feita pela maioria das empresas de forma corretiva. Os recursos para a aquisição das máquinas e equipamentos são oriundos de financiamentos de bancos oficiais privados e nacionais, além dos próprios.

O controle de qualidade é feito através da opinião dos clientes, além da avaliação dos funcionários, consultorias particulares e orientações do SEBRAE.

A origem dos insumos financeiros com objetivo tanto para expansão como para modernização das instalações na sua grande maioria, são próprios. Vale salientar, apesar em menor intensidade, a participação de recursos provenientes de bancos privados e oficiais nacionais.

A produção de frangos abatidos na sua totalidade atende somente o Estado enquanto que a produção de frangos vivos, além do Ceará, abastece outros estados do Nordeste, a exemplo do Maranhão e Piauí. Hoje, o Ceará somente exporta frango vivo, enquanto importa apenas o frango congelado.

CONCLUSÃO

Muitos são os aspectos finais que podemos extrair da análise realizada neste trabalho. Pretendo expor somente algumas conclusões a cerca do desempenho do setor bem como algumas considerações finais que são de fundamental importância para uma melhor compreensão do mesmo

Pela análise feita no primeiro capítulo vemos que a avicultura constitui-se atualmente, em atividade econômica do maior destaque. O consumo de aves e ovos no Brasil cresce de ano para ano, em 1994 o consumo foi de 19 quilos per capita.

Os hábitos alimentares do povo brasileiro estão em contínua evolução e os números mostram um acelerado crescimento do consumo de carne de frango nos últimos anos. A variação do consumo entre 1989 e 1994 foi de 47,3%. Isso se deve principalmente ao baixo preço do frango, em comparação com o das demais proteínas animais, além de outros fatores

importantes, entre os quais, a crescente tendência por dietas alimentares mais saudáveis.

A avicultura brasileira dispõe de uma potencialidade extraordinária que é o próprio mercado interno do País. Nos últimos anos o setor não apenas registrou grandes avanços no aspecto tecnológico como desenvolveu um bom marketing, um bom sistema de vendas e uma boa distribuição dos produtos. A carne do frango está presente na mídia, com uma boa carga de publicidade, como vêm sendo criados novos tipos de produtos, embalagens e cortes.

No segundo capítulo, procurou-se analisar a atividade produtora de frangos de corte que abastece o Estado do Ceará..

O setor avícola cearense destaca-se como um dos segmentos produtores que mais se desenvolveu nas últimas décadas. A Avicultura Cearense possui um plantel, entre crescimento e produção, de 550 mil matrizes, que produziram, em 1994, cerca de 63,9 milhões de pintos-de-corte, ou seja, 5,3 milhões de pintos por mês. O plantel permanente de frangos de corte, em média, de 7,5 milhões, entre pintos de um dia e frangos prontos para o abate.

Apesar do bom desempenho do setor, a avicultura cearense sofre alguns problemas na aquisição dos insumos já que quase a totalidade destes

são provenientes de outros Estados e importados de outros países, o que contribui para o aumento significativo nos custos da produção.

No sentido de minimizar os custos no setor avícola é fundamental o apoio do Governo do Estado modernizando o Porto de Fortaleza, corredor por onde entram os principais insumos: o milho e o farelo de soja, mantendo uma baixa alíquota de ICMS, incluindo os insumos da ração (milho e farelo de soja) na Cesta Básica do Estado, continuando a incentivar a produção de milho local e principalmente conseguindo recursos do Governo Federal para a aquisição da safra local, a fim de que se possa combater os atravessadores, explorador do produto rural e do avicultor.

A avicultura Cearense precisa do apoio do Governo do Estado para vencer os desafios que lhe são impostos.

Atualmente, o setor avícola cearense através de melhorias de manejo, nutrição e profilaxia, busca reduzir os custos para se tornar cada vez mais competitivo a nível nacional e tornando seus produtos acessíveis as camadas de menor poder aquisitivo.

Com a implantação do Real, houve uma intensificação no consumo do frango por ser uma alternativa protéica mais barata e de fácil aquisição. O setor de Frango de Corte está sofrendo uma expansão na sua participação na cesta alimentar, desde o advento do Real.

Caso a economia continue estável é provável que o setor dado sua capacidade e seu potencial cresça e se firme como o primeiro produtor do Nordeste.

Com o intuito de promover o consumo, a ACEAV juntamente com as Empresas Avícolas estão desenvolvendo um trabalho em todo Estado para incluir o frango e o ovo na alimentação escolar e comunitária da população de baixa renda, com pouca opção alimentar. É uma estratégia eficaz tanto no sentido de totalizar maiores rendas como melhorar a alimentação do povo cearense. A ACEAV, recebe apoio do Governo do Estado nessa promoção do consumo e assim interioriza a produção e o consumo dos produtos do setor e beneficia com melhor renda e alimentação, todo o interior do Estado.

LISTA DE TABELAS

1. Consumo Per Capita de Aves no Brasil - 1989/1994;
2. Consumo Per Capita de Carnes no Brasil. Participação Percentual - 1980/1994;
3. Crescimento Anual da Produção, Consumo Interno e Exportação de Frangos Brasileiros - 1970/1995;
4. Destino das Exportações Brasileiras de Frango (Mil Toneladas) - 1993;
5. Alojamento Anual de Matrizes de Corte - 1989/1994;
6. Produção Anual de Pintos de Corte - 1989/1994;
7. Produção de Pintos de Corte;
8. Distribuição e Concentração dos Empregados Segundo Qualificação da Mão-de-Obra;
9. Percentual das Empresas Segundo o Tipo de Insumo Utilizado;
10. Origem dos Principais Insumos: Milho, F. Soja e F. Carne. Participação das Empresas (%);
11. Critério para Escolha dos Fornecedores Segundo Empresas (%);
12. Participação das Empresas (%) por Faixas de Composição dos Custos.

LISTA DE GRÁFICOS

1. Os Cinco Principais Produtores Mundiais de Carne de Frango - 1990/1994;
2. Alojamento de Matrizes de Corte. Participação por Região - 1994;
3. Produção de Pintos de Corte. Participação por Região - 1994;
4. Produção de Pintos de Corte. (x 1000) - 1994.

LISTA DE QUADROS

1. Produção e Consumo Mensal do Setor Avícola Cearense - 1994;
2. Estrutura do Setor Avícola Cearense - 1994.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Geraldo de, LEDO, Belando, TEIXEIRA FILHO, Antônio Rafael, Agricultura brasileira: comportamento passado, situação atual e perspectiva de crescimento. Brasília. IPEA, 1993, 251 p.

DIÁRIO DO NORDESTE, Avicultores esperam que o Estado deixe de cobrar o ICMS do setor. 27/04/91.

DIÁRIO DO NORDESTE, Setor avícola produz um bilhão de pintos de corte. 24/08/94.

DIÁRIO DO NORDESTE, Setor de avicultura espera crescer 30% ao instalar novo abatedouro no CE. 22/04/95.

DIÁRIO DO NORDESTE, Preço da carne de frango cai 20% nas vendas da capital. 13/01/95.

FARINA, Elizabeth M. M. Q. Sadia: O Desafio da Liderança no Mercado de frangos. São Paulo, 1994, 36 p.

GAZETA MERCANTIL, Consumo recorde de carne de frango após o Real.
13/02/95.

INDICADORES - ACEAV. 1994, 1995.

INDICADORES ACEAV / AVES, 1995.

INFORME APINCO, Produção de carne de frango aumenta 9% em 1994 e supera os 3,4 milhões de toneladas. 25/11/94.

INFORMATIVO UBA, Avicultura brasileira cresce 9%. Brasília, dezembro de 1994, p. 08.

INFORMATIVO UBA, Produção avícola aumenta em 9%. Brasília, dezembro de 1994, p. 01.

O POVO, Ceará é o segundo na avicultura. 25/09/94.

O POVO, Mundo da Ciência. 15/01/95.

PAINEL DE NEGÓCIOS AVÍCOLAS. Abril, 1995.

ZIRLIS, Albino E. Ferreira, LINS, Everton Ramos de, GUILIETTI, Paulo E. *et al.* Integração Vertical, Custos e Receitas na Avicultura de Corte, no Estado de São Paulo. São Paulo. Instituto de Economia Agrícola, 1990, 26 p., 37 v.

ANEXO

QUESTIONÁRIO APLICADO NAS EMPRESAS AVÍCOLAS

QUESTIONÁRIO

A- IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

01. Razão Social: _____
02. Nome Fantasia: _____
03. Natureza Jurídica: _____
04. C.G.C.: _____ C.P.F.: _____
05. Localização
Endereço: _____ Bairro: _____
CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____
Telefone: _____ Fax: _____
06. Pessoa para Contato
Nome: _____
Cargo: _____
Telefone: _____ Ramal: _____ Fax: _____
07. Tipos de Produtos: _____

08. Data de Fundação: ____ / ____ / ____
09. Composição Acionária (em %)
Pessoa Física: _____ Pessoa Jurídica: _____

B- CARACTERIZAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA

01. Números de Empregados: _____

02. Qualificação:

Qualificação	Funções	Administrativa	Produtiva	Comercial	Total
Nível Superior					
2º Grau	Completo				
	Incompleto				
1º Grau	Completo				
	Incompleto				
Alfabetizado					
Analfabeto					

03. Classificação por Categoria Funcional, Sexo e Idade.

Fases do Processo de Produção:

- a.
- b.
- c.
- d.

Fases Processo Produtivo	Empregados por Sexo		Empregados por Idade			
	M	F	Menor de 14	14 ----- 18	18 ----- 40	Mais de 40
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						

04. Classificação de mão-de-obra por categoria funcional, forma de pagamento e nível salarial.

Cálculo e período de pagamento de mão-de-obra: () por tempo
() por produção

Categoria Funcional	Formas de Pagamento			Valor Salário
	por mês	por hora	por semana	
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				

Outra Forma (especificar):

05. Jornada de Trabalho

Categoria Funcional	Número de Turnos (08 Horas)	Horas Trabalhadas por Semana
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		

06. Treinamento de Mão-de-Obra

() Sem Treinamento formal

() Com Treinamento (especificar o tipo): _____

02. Manutenção das máquinas e equipamentos.

Origem da Manutenção	Espécie	
	Preventiva	Corretiva
Interna		
Fornecedores		
Terceiros (especificar):		

03. Provisões para depreciação (em %): () não há
() há

04. Recursos utilizados para a aquisição de máquinas e equipamentos.

Especificação	Participação (%)
Recursos Próprios	
Financiamento de Bancos Estrangeiros	
Financiamento de Bancos Oficiais Nacionais	
Financiamento de Banco Privados Nacionais	
Outras Instituições (Fundações, BIRD, etc.)	
Total	100

05. Formas de realizar o controle de qualidade (escolha uma ou mais opções):

- () Opinião de Clientes
 () Opinião dos Fornecedores
 () Avaliação Feita por Funcionários
 () Comparação com os da Concorrência
 () Contratação de Consultoria
 () Outros (especificar): _____

06. Dificuldades para realização do controle de qualidade.

E- RECURSOS FINANCEIROS

01. Origens dos recursos para instalação e manutenção da empresa.

Origem	Instalação e Manutenção
Recursos Próprios	
Linhas Especiais do Governo	
Bancos Oficiais Nacionais	
Bancos Privados Nacionais	
Bancos Estrangeiros	
Outras Instituições (BIRD, Fundações, etc)	
Total	

02. Financiamento nos últimos 5 (cinco) anos por origem dos recursos e finalidade.

Origem	Participação (%)	Motivo	
		Expansão	Modernização
Recursos Próprios			
Linhas Especiais do Governo			
Bancos Oficiais Nacionais			
Bancos Privados Nacionais			
Bancos Estrangeiros			
Outras Instituições (BIRD, Fundações, etc)			
Total			

03. Dados sobre o último balanço:

Data do balanço:

Capital Integrado:

Lucro Líquido Operacional:

Receita Operacional:

Ativo Total:

Despesas Financeiras:

Capital Social:

Patrimônio Líquido:

Faturamento:

Receita Total:

Ativo Fixo Investido:

F- PRODUÇÃO E CUSTO

01. Valor da produção da empresa e destino dos produtos (último ano):

Tipos Produtos	Produção Efetiva		Capacidade Produção		Destino Produtos (%)	
	Valor	Qtde.	Valor	Qtde.	CE	NE
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
Total						

Valor em:

Quantidade em:

02. Financiamento para importação de insumos:

03. Posição em relação à carga tributária (opinião atual da empresa):

04. Estrutura de custos da Empresa (último ano) - especificar a unidade utilizada.

Discriminação	Valor (Em)	Participação (%)
1. Recursos Humanos		
2. Insumos Utilizados		
Matéria-Prima		
Serviços (Fretes e Seguros)		
Outros		
3. Capital		
Provisões para Depreciação		
Juros		
Amortizações		
4. Outros (Especificar)		